

Cena erótica

Pseudônimo: Hibisco

No corredor escuro e silencioso, três portas. A do banheiro, semiaberta, trazia uma tênue claridade ao negro ambiente. Pela fresta, as paredes brancas, banhadas de luz, me permitiram vislumbrar aquela cena rotineira, flagrante do instante em que a noite se separa do dia.

No espelho, sobre a pia de mármore, o chuveiro ainda pingando, prateleiras atopetadas de vidros, frascos e escovas. Na imagem multiplicada, um dorso másculo e cabeludo, uma toalha sobre os largos ombros, as calças do pijama amarradas à cintura. Dos olhos, meio despertados, meio adormecidos, faiscava uma luz maliciosa. A não tão vasta cabeleira, já agrisalhada, emoldurava um rosto que, embora ausente de juventude, mantinha o fascínio da virilidade.

Na bacia de louça, gestos precisos. O familiar e metódico ritual de asseio iniciara. Com suaves movimentos circulares, o pincel espalhava o sabão sobre as bochechas e a região acima dos lábios. Logo depois a tosa. Com a mão esquerda, a lateral do rosto era esticada para cima e para os lados, abrindo terreno para a mão direita, responsável por correr a lâmina, remover a camada de espuma e abrir sulcos de pele macia.

Na pia, punhados de neve, salpicados de pelos acinzentados amontoavam-se no ralo. Imediatamente escoados pela água que corria da torneira, desaparecia o rastro do ritual masculino, um dos símbolos de poder arraigado no imaginário coletivo. Refletido no espelho, o rosto escanhado, luzidio e avermelhado denunciava o recente barbear.

A porta estava aberta, bastava eu dar um passo, entrar e fechá-la. Ansiedade e expectativa de prazer na imagem de um devaneio que não permite realização. Vontade exclusiva da criadora. Será crime eu assediar minhas fantasias?

Na impotência do desejo, recolho-me ao meu avesso, aos fragmentos de infância. Quando ainda miúda, depois de me borrar com os variados tons avermelhados de batom e de arrastar pela casa os enormes sapatos de salto de minha mãe, decidi explorar as gavetas de meu pai. Um novo mundo a ser descoberto. Garimpei grandes tesouros: pincel de barba, lâminas e um relativamente cheiroso sabão de barba.

Um experimento, uma nova descoberta. Brincar de pai, de menino, invadir um universo que não me pertencia. Como uma grande artista, defini a área a ser desenhada: o contorno dos lábios, do nariz e dos olhos. Com o fio de sabão de barba que saía do tubo, desenhei círculos sobre o rosto.

Com pinceladas, meu auto retrato estava recoberto por nuvens macias que se acomodaram de acordo com minha vontade. Nesta inédita brincadeira, criava e recriava formas, amontoava e desamontoava nacos de espuma. Em seguida, passei a lâmina, raspando a superfície do rosto, assim como havia visto meu pai fazer. Movimentos circulares da testa ao maxilar. Os novos desenhos

deixaram espaços de pele mais lisos. Alguns entrecortados por finos fios de sangue que escorreram tingindo minha obra.

À noite, ao jantar, nosso encontro de família. Como explicar as finas linhas sobre o rosto e o desaparecimento de metade de minha sobrancelha direita?